

34ª Reunião Brasileira de Antropologia
Belo Horizonte/MG, 23 a 26 de Julho de 2024
GT 048: Ensinar e aprender Antropologia

Letramento Acadêmico em Antropologia: um pilar para a construção de saberes coletivos na (e da) Universidade.¹

Fabiany Silva Ferreira dos Santos
Beatriz Garcia Targino Teodoro Da Costa Silva
Rogério Brittes Wanderley Pires
Glória Maria Vagioni Têga Calippo
Livia Campbell Faleiro Coutinho
Graziele Nazor de Oliveira
Beatriz Natiele dos Reis Sabino
Miriã Carolina da Silva
Brenda Pereira de Jesus
(UFMG)

O curso de bacharel em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – que partilha do mesmo tronco comum que o curso de Arqueologia pelos primeiros quatro períodos – possui um percurso de formação bastante denso e complexo: as disciplinas exigem uma alta carga de leitura, escrita de textos de diversos gêneros, além de pensamento crítico coeso. Essas demandas podem parecer simples, contudo, para os alunos recém-ingressos, a quantidade de conteúdo e informações costuma causar ansiedade e insegurança – principalmente àqueles que não tiveram a oportunidade de desfrutar de uma formação consistente, aprofundada e completa, como alunos de boa parte das escolas públicas brasileiras, como exemplo. Para além dos tópicos supracitados, existem outras preocupações práticas que atingem estudantes: “como acessar a biblioteca?”, “como desbloquear minha carteirinha?”, “será que tenho

¹ Este texto incorpora, sobretudo na seção 2, trechos do projeto de ensino “Letramento Acadêmico em Antropologia e Arqueologia”, de autoria de Rogério Brittes W. Pires, mas foi redigido majoritariamente por Fabiany Silva Ferreira dos Santos, Beatriz Garcia Targino Teodoro Da Costa Silva (alunas de graduação em Antropologia da UFMG) e Glória Maria Vagioni Têga Calippo (aluna de doutorado em Arqueologia da UFMG), com revisão e adições de Rogério Pires e sugestões e auxílio do restante da equipe atual do PDEG Antropologia e Arqueologia: Livia Campbell Faleiro Coutinho, Grazielle Nazor de Oliveira, Beatriz Natiele dos Reis Sabino, Miriã Carolina da Silva e Brenda Pereira de Jesus. Apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia em Julho de 2024.

acesso aos auxílios da FUMP²”. Essas dúvidas se apresentam à maior parte dos alunos dos primeiros períodos, mas também podem ser aflições compartilhadas e lembradas por alunos veteranos.

Compreendendo a importância de auxiliar a entrada na vida universitária, cultivar habilidades de pesquisa, redação acadêmica, pensamento crítico e partilhar vivências acadêmicas no campus, surge o Projeto Letramento em Antropologia e Arqueologia, vinculado ao colegiado de graduação de Antropologia e Arqueologia da UFMG, financiado, desde 2020, pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD/UFMG) por meio do Programa de Desenvolvimento do Ensino de Graduação (PDEG).³ O projeto foi construído conjuntamente por professores, pós-graduandas e graduandas, visando acolher e oferecer suporte para os alunos por meio de vídeos disponibilizados online, minicursos, plantões tira-dúvidas e monitorias, buscando, também, o diálogo entre as duas áreas – Antropologia e Arqueologia, acabando por promover, ainda, atividades de divulgação científica e extensão universitária.

Palavras-Chave: educação; inclusão; letramento.

1. Contexto

No artigo “Práticas de letramento, antropologia linguística e desigualdade social: casos etnográficos e compromissos teóricos”, James Collins (2015) pondera acerca das interações entre letramento escolarizado, diversidade linguística e os impactos da desigualdade social. A partir de suas colocações, é possível considerar de que modo essas situações podem impactar a vida do estudante – mesmo que em um contexto

² A Fump (Fundação Universitária Mendes Pimentel) oferece programas diversos de assistência estudantil para o corpo discente da UFMG. Ver <https://www.fump.ufmg.br/>

³ O PDEG de Antropologia e Arqueologia foi criado pelo professor Rogério Brites W. Pires, do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da UFMG, sob o incentivo e auxílio das então coordenadora e subcoordenadora do curso de graduação em Antropologia e Arqueologia, professoras Sabrina Deise Finamori e Mariana Petry Cabral. Passaram pelo projeto, como bolsistas ou voluntários, as seguintes alunas e alunos: Letícia Helena Pereira Rosa, Letícia Teixeira Gomes, Núbia Emanuelle Oliveira Lima, Lara de Paula Passos, Lívia Radane de Oliveira, Nonô Arantes Lima, Alice Costa Silva, Carolina Carey, Mariana Pesce Ribeiro, Samuel Perini Nunes, Bárbara Marçolla Lafetá, Vivian Lins de Andrade Alves, Vinícius Siqueira de Freitas, Maria Alice Magalhães da Silva Batista, Carolina Lara de Matos, Alan Jovane Vilaça, Gabriele Rodrigues da Silva e Edwhay Victor Candia da Silva, além coautoras do presente texto, que formam a equipe atual do projeto. Parte dessas estava formalmente vinculada a bolsas de um Projeto de Monitoria em Graduação (PMG), igualmente coordenado pelo prof. Pires e com recursos igualmente advindos da PROGRAD/UFMG.

diferente do curso de Antropologia na UFMG, pois o autor enfoca a realidade de alunos de comunidades multilíngues, como imigrantes.

Collins expõe que suas pesquisas acerca do letramento “foram motivadas por um desejo de compreender sua relação com a desigualdade social” (2015, p. 1193). Ele relata que o material analisado após seu trabalho etnográfico levou à reflexão sobre como a precariedade econômica e materiais escassos causaram apreensões parciais ou dificuldades para o aprendizado de alunos indígenas, afro-americanos e brancos da classe trabalhadora enfrentando dificuldades com escolas nos Estados Unidos (2015, p. 1193). Em um contexto brasileiro, Eliane Giachetto Saravali elucida que

Atualmente, a sociedade assiste ao caos da escola pública que forma alunos com sérias lacunas nos seus conhecimentos e grandes dificuldades para a aprendizagem, fatos que acabam ficando bastante evidenciados quando esses alunos atingem o ensino superior. Nesse sentido, o quadro que se apresenta é o seguinte: o aluno proveniente do ensino público e que chega à faculdade teve uma escolarização precária com todos os problemas que a caracterizam (professores mal formados e mal remunerados, salas de aula superlotadas, greves, péssimas condições de trabalho etc.) e vai iniciar a nova etapa de escolarização sem dominar conceitos e conteúdos básicos que o impedem de acompanhar as solicitações do meio universitário (2005, p. 100).

A pesquisadora salienta que é necessário refletir e agir para que esses danos sejam contidos e considera que o ensino democrático não se trata somente da inserção do aluno na universidade, mas também de sua permanência (Saravali, 2005, p. 100). A autora também discorre sobre os impactos e influências que questões biológicas, psicológicas e domésticas podem afetar diretamente no desempenho de um estudante, desde o ensino básico (fundamental e médio), causando, entretanto, consequências e lacunas no aprendizado, persistindo, possivelmente, em toda trajetória acadêmica. Sendo assim, a autora afirma que é extremamente necessário que os professores se atentem às adversidades apresentadas pelos alunos, bem como reflitam acerca de quais

posturas remediadoras podem assumir. Saravali é muito sagaz ao apontar que o ensino superior exige um raciocínio formal, precisando que o aluno saiba:

Pensar sobre o próprio pensamento, analisar a sociedade e estabelecer relações entre o que existe e pode existir (raciocínio hipotético dedutivo), trabalhar com conceitos abstratos, refletir e organizar formas para a execução do trabalho, enfim, são muitas atividades que requerem do estudante um pensamento mais destacado do concreto (Saravali, 2005, p. 121).

Perante o exposto, o Projeto Letramento em Antropologia e Arqueologia busca construir pilares e pontes para que seja possível amparar e tentar, dentro de nossas capacitações, auxiliar no processo da educação democrática. Infelizmente, a Universidade ainda pode ser um lugar elitista e desigual, com cobranças, exigências e imposições quase que inegociáveis – afinal, existem regras. No entanto, é preciso transgredir os limites pré-dispostos para alcançar equidade, mesmo que esse ideal seja quase uma abstração, por se tratar de um caminho penoso e, por enquanto, distante.

2. Situação geradora

O projeto teve início durante a pandemia de Covid-19, tendo sido implementado no primeiro semestre letivo de 2020. Inicialmente, a proposta era ajudar na comunicação entre o corpo discente e docente de Antropologia e Arqueologia da UFMG durante os períodos de ensino remoto emergencial e posteriormente ensino híbrido emergencial. Com a estabilização da situação, o grupo começou a pensar sobre como poderia atuar, a médio prazo, em atividades de desenvolvimento do ensino de graduação. Foram promovidas rodas de conversa com os alunos de Antropologia, Arqueologia e Ciências Sociais da UFMG para ouvir suas demandas. Boa parte das questões que surgiram giravam em torno daquilo que pode-se chamar de letramento acadêmico: questões sobre leitura e escrita de estilos textuais acadêmicos (etnografia, ensaio, resenha, etc); formatação de textos (para ABNT ou periódicos); formas de citação (para evitar plágios)...

Essas e outras dificuldades se redobram no caso de alunas e alunos provenientes de contextos periféricos, indígenas, ou com necessidades especiais. Estas categorias de

discentes, cuja presença é essencial em qualquer área do conhecimento, têm especial importância para a antropologia, disciplina que toma como objeto de estudo as diferentes formas de estar no mundo.

Percebemos uma falta de preparo para a prática acadêmica por parte do corpo discente ingressante, agudizada por características disciplinares da antropologia. Tal problema, notado há anos pelo corpo docente, amiúde é minimizado: confia-se no autodidatismo, alunas e alunos aprenderiam essas coisas “por si mesmas” via tentativa e erro. Entretanto, tal solução funciona, mas apenas para parte dos discentes, sobretudo para quem advém de um contexto familiar elitizado e intelectualizado. Outras tantas acabam abandonando o curso. Não há uma disciplina em particular que concentre reprovação, mas o efeito cumulativo é que, ao longo dos primeiros dois anos de universidade, um número significativo de estudantes evade os cursos.⁴ Existe uma necessidade de acolher a entrada de ingressantes na graduação, oferecendo um apoio extra para que possam mais rapidamente aprender a ler, pensar, falar e escrever acadêmica e antropológica.

Procedeu-se a uma análise histórica da situação. Nos anos 1990, Pierre Sanchis, então professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, elencava imperativos para o ensino da antropologia no Brasil:

Deve ser, sobretudo, uma Introdução à Vida Universitária e ao tipo de relação com o conhecimento que esta vida implica e que, para os estudantes recém-introduzidos nela, é muitas vezes e infelizmente absoluta novidade. Uma iniciação à leitura; um treinamento para a compreensão de textos e o armazenamento dos seus conteúdos; um aprimoramento do raciocínio, a partir do estudo detalhado de modelos cuidadosamente escolhidos [...];

⁴ Em termos numéricos, no curso de Antropologia (noturno), até 2019, tivemos evasão de 217 discentes de um universo de 450 (48,02%); em 2020, 237 de um universo de 494 (redução de aproximadamente em 0,2%). Desses, 5,9% evadiram após cursado um período; 24,5%, dois períodos letivos; 38,4%, três; 53,2%, quatro; 67,5%, cinco; e 80,6%, seis períodos letivos – ou seja, a maior concentração de evasão se dá entre o 2º e o 6º período, com um pico no segundo (44 discentes). Chama atenção a probabilidade de sair do curso dado reprovação nas disciplinas Estudos Temáticos de Linguística Teórica e Descritiva (100%); Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (98%); Cultura e Ambiente (97%); Fundamentos de Análise sociológica (96%) e Introdução à Antropologia (95%). Na Faculdade de Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG, as disciplinas ofertadas pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia (código ATP) tiveram, em 2021, a menor taxa de aprovação da unidade (70,3%). Esse cenário coloca o curso de Antropologia e Arqueologia em primeiro lugar na taxa de evasão da UFMG, mesmo considerando apenas os cursos noturnos (UFMG, 2021).

uma introdução à construção e montagem de um pensamento organizado, através de exercícios que partam dos conhecimentos adquiridos na vida cotidiana e no ensino secundário, para levar estes conhecimentos [...] de um estado fragmentado até a sua organização e apresentação lógica; o treinamento para a expressão escrita, enfim, com as várias camadas que esta iniciação implica, a começar pela procura da expressão correta [...]. Esta parte da formação seria assegurada em um clima de “seminários”, “ateliês”, “trabalhos práticos” e “coletivos”, num contato direto e operacional com o “mestre”, em um sistema de aprendizagem artesanal. (Sanchis, 2006, p. 116-7)

Passadas quase três décadas, as advertências listadas por Sanchis continuam sendo resolvidas pelo autodidatismo ou voluntarismo de docentes e discentes, na maioria dos cursos de graduação de Ciências Sociais e Antropologia do país. Ainda carecemos de estratégias formalizadas de iniciação à leitura e treinamento para a escrita, por exemplo. O que Sanchis chama de “introdução à vida acadêmica” equivale ao conceito de “letramento acadêmico”, no campo da educação. Irônico que esta seja uma carência longa e recorrente na antropologia, posto que autoras como Raquel Fiad sublinham a importância da prática etnográfica – método e estilo de escrita distintivamente antropológicos – na própria constituição da ideia de letramento acadêmico: “Nessas pesquisas, o letramento é assumido como prática social e as metodologias adotadas estão baseadas na tradição da etnografia” (Fiad, 2017, p. 91).

Não desejamos mudar a cara da antropologia e a base de seu ensino – seu foco na ampla leitura de autores clássicos e contemporâneos, a valorização do cuidado com a escrita (sobretudo etnográfica), etc. O que defendemos é a necessidade de dedicar mais atenção a elementos do letramento acadêmico que ultrapassam – ou melhor, antecedem, posto que fundamentam – a transmissão de conteúdos teórico-metodológicos. Acreditamos que parte destes elementos pode ser trabalhada através de atividades e mídias simples e atividades coletivas, como as que temos produzido e fomentado nos últimos anos através do PDEG.

Atividades

Pensamos em várias possíveis formas de abordar essas questões. A que parece ter mais alcance e potência foi produzir vídeos curtos, que temos disponibilizado na plataforma Youtube, no canal <<https://www.youtube.com/@antropologiaarqueologia>>.

O material é produzido com a intenção de sanar dúvidas e preencher algumas das lacunas que contribuem para dificuldades de adaptação à vida acadêmica. A linguagem é coloquial, didática, coerente e embasada teoricamente a partir de referenciais bibliográficos fundamentados. A duração é de, no máximo, 10 minutos, pensando em parâmetros de tempo de exibição e alcance da própria plataforma YouTube.

Entre 2021 e 2023, as tarefas eram distribuídas entre bolsistas e voluntários do projeto, que foram responsáveis coletivamente por discutir temas, criar roteiros, gravar e editar os vídeos. Simultaneamente, eram desenvolvidas as monitorias que demandavam tempo e frequências nas aulas das disciplinas ofertadas – no total, o projeto contemplou 13 disciplinas dos cursos de graduação em Antropologia e Arqueologia, Ciências Sociais e Ciências Socioambientais.

No decurso do primeiro semestre de 2023, com a volta efetiva das atividades presenciais, a produção de vídeos com um ritmo consolidado e a constatação da necessidade de ampliar o atendimento a alunos para além das monitorias das disciplinas, o formato das atividades presenciais foi alterado, iniciando, desse modo, as monitorias gerais, chamadas por “plantão tira-dúvidas” - ofertados uma vez por semana, toda quarta-feira, no horário entre 17h e 19h. Apesar dos esforços em divulgar e realizar essa atividade, esses plantões não surtiram o efeito desejado: estudantes não frequentaram em número expressivo e a atividade foi suspensa para avaliarmos possíveis mudanças que pudessem mudar essa realidade.

Até o presente momento foram treze vídeos publicados:

- 1) O que é “Letramento Acadêmico”?
- 2) Resenha, Fichamento e Resumo
- 3) Plágio: o que é e como evitar?
- 4) Como publicar seu próprio artigo científico?
- 5) Leitura Acadêmica
- 6) Afinal, o que é escrever de acordo com as regras da ABNT?
- 7) O que fazer com um diploma em Antropologia, Arqueologia e Ciências Sociais?
- 8) (Quase) tudo o que você precisa saber sobre as Bibliotecas Universitárias

- 9) O que é Arqueologia?⁵
- 10) Como fazer sua tabela de equivalência⁶
- 11) Como escolher a temática do seu TCC/ Monografia
- 12) Guia Geral para o Currículo Lattes
- 13) Você sabe o que é escrita acadêmica?

Estão em processo de produção mais quatro vídeos: sobre bolsas e auxílios estudantis na UFMG; congressos acadêmicos; o que é antropologia?; diferenças entre artigos, TCCs, teses e dissertações.

Desde a criação da página, os vídeos tiveram quase 1,5 mil visualizações, por um tempo médio de 2 minutos (dentro da média de toda a plataforma YouTube). O vídeo mais acessado foi aquele que apresenta o projeto “O que é ‘Letramento Acadêmico’?” e o que foi exibido por mais tempo foi “O que fazer com um diploma em Antropologia, Arqueologia e Ciências Sociais?” – as pessoas assistiram, em média, 59% dele.

Para exemplificar, é notável mencionar o vídeo “Plágio: o que é e como evitar?”⁷, mais acessado em períodos de encerramento de semestres. Nele, explicitamos sobre o que é plágio e compartilhamos dicas e exemplos práticos para evitá-lo, citando também normas e regras da ABNT.

Embora a palavra “plágio” não esteja no ordenamento jurídico brasileiro, “sabe-se que diversos dispositivos legais tratam do tema, o caracterizando juridicamente como violação de direito autoral” (Pithan, Vidal, 2013, p.79). Perante o exposto, é relevante ponderar o plágio não somente como uma violação moral e ética, mas uma conduta que é punível – seja ela na esfera administrativa-acadêmica ou jurídica. Alguém que faz a cópia de alguma obra pode ser desclassificado de processos seletivos (como de mestrado, doutorado, iniciação científica...), ser processado na lei de direitos autorais e/ou ter seu trabalho zerado.

Assim como Pithan e Vidal (2013, p. 81) elucidam em seu artigo “O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico”, trata-se de um problema

⁵ Versões desse vídeo e desse tema foram apresentados no XXII congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, em 2023.

⁶ Vídeo de caráter prático criado para auxiliar os alunos do curso de Antropologia e Arqueologia no momento da reforma curricular efetivada em 2024.1.

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bz6gaGHdkc0&ab_channel=LetramentoemAntropologiaeArqueologiaUFMG. Publicado em 9 de dezembro de 2022

que é, além de tudo, institucional, por isso, as instituições podem (e devem) buscar por possíveis resoluções, os autores sugerem que para além de abordar a educação moral, também é necessário repensar métodos de aprendizagem que se voltem para a integridade do trabalho científico. O vídeo publicado por nosso projeto intenciona justamente o pontuado pelos autores, pois trilhamos um raciocínio em conjunto com o expectador para que ele possa apreender os modos de redigir um texto acadêmico.

A divulgação dos vídeos se dá por duas páginas no Instagram: a página do projeto (@antropologiaarqueologia) e do colegiado do curso de graduação em Antropologia e Arqueologia (@col.antropo.ufmg). Utilizamos a plataforma também para informar mudanças ou sinalizar sobre datas e eventos importantes para o curso e/ou departamento – em 2023 houve uma mudança no componente curricular dos cursos de Antropologia e Arqueologia, anteriormente, ao concluir o curso, o aluno possuía um diploma com habilitação em Antropologia Social ou em Arqueologia.

A partir do primeiro semestre de 2024 foi implementada a divisão do curso de Antropologia e Arqueologia na UFMG, que passam a fornecer diplomas de bacharelado separados e não mais habilitações em Antropologia Social e Arqueologia. Em verdade, o processo visa fortalecer ainda mais a relação entre essas duas áreas do conhecimento na universidade, pois aumentou o número de semestre que os alunos têm de cursar antes da escolha da área de concentração de três para dois semestres, valendo-se da estrutura curricular do “tronco comum” oferecida pela UFMG. No entanto, a mudança causou inquietude e preocupação aos alunos e, diante disso, o Projeto Letramento em Antropologia e Arqueologia participou das reuniões do Colegiado a fim de compreender as mudanças e, posteriormente, auxiliar a direção do curso a informar e orientar os alunos em relação a esse processo. Assim, participamos de encontros presenciais, on-line e, bem como, produzimos peças de comunicação, como posts e vídeos, contendo informações essenciais para a consolidação dessa mudança.

Com o espírito de experimentar novas formas de dialogar presencialmente, no segundo semestre de 2023, o Projeto Letramento em Antropologia e Arqueologia também promoveu dois cursos “Currículo Lattes” em momentos diferentes. O primeiro foi ofertado durante a já tradicional “VIII Semana de Antropologia e Arqueologia da UFMG: O partilhar nas encruzilhadas, encontros entre Arqueologia e Antropologia”. O segundo curso ocorreu como parte das “Atividades Acadêmicas Complementares do Noturno” – promovidas pela UFMG, tratam-se de “palestras, mesas redondas, cursos, oficinas, entre outras. São promovidas para assegurar acesso aos estudantes dos cursos

noturnos a atividades complementares a sua formação, cuja oferta é, em comparação com a do turno diurno, geralmente muito reduzida⁸”. Com certificação, o curso foi montado e organizado por todos os integrantes do projeto – professores e alunos –, contudo, foi ministrado pelas bolsistas e voluntárias do projeto. Foram abordados tópicos, tais como criar uma conta, como preencher as diferentes modalidades de atividades acadêmicas e profissionais, entre outros. As aulas consistiram em duas partes fundamentais. A primeira teórica e expositiva; a segunda prática, na qual auxiliamos a criar currículos e/ou preenchê-los, além de editá-los com estudantes que possuíam dúvidas das mais diversas naturezas.

Para o primeiro semestre de 2025, há no planejamento do Projeto uma oficina de Escrita Acadêmica, para qual temos tido um fundamental apoio e orientação da professora Luana Lopes Amaral, da Faculdade de Letras, atuante no projeto Redigir UFMG <<https://www.redigirufmg.org/>>. Nosso objetivo de preparar e capacitar estudantes a redigir resenhas, resumos e projetos de pesquisa – principais gêneros que circulam no âmbito acadêmico e que os alunos de Antropologia da UFMG manifestaram como importantes, porém, complexos e de difícil compreensão sem uma base prévia dos modelos e estruturas dos textos.

Acreditamos que o conjunto das ações descritas aqui, pode promover efeitos tanto a curto prazo, com vivências cotidianas menos traumáticas aos estudantes, como a longo prazo, contribuindo para a formação global de discentes. Também é importante mencionar que os processos de construção das ações do projeto diferenciam-se porque trazem como fatores constituintes vivências e visões de mundo das pessoas envolvidas – estudantes de graduação, pós-graduação e docentes.

O objetivo de nossas ações é provocar um pequeno “efeito dominó”, com objetivos propostos a curto prazo, mas que intencionam a colher resultados a longo prazo para uma formação um pouco mais justa e confiante. Apresentamos, através deste presente trabalho, o processo de construção das gravações, que se destinam a sanar dúvidas e contribuir para uma inclusão na Instituição que é frequentemente, lastimosamente, desigual e elitista. O projeto empenha-se que, nesse já mencionado efeito dominó, uma das peças atingidas seja o próprio saber antropológico e arqueológico, cada vez mais acessado e composto por quem antes não chegava nem às portas da academia.

⁸ Fonte: <<https://www.ufmg.br/prograd/atividades-academicas-complementares/>>.

Referências Bibliográficas

COLLINS, James. 2015. “Práticas de letramento, antropologia linguística e desigualdade social: casos etnográficos e compromissos teóricos”, *Educação e Pesquisa* 41 (número especial). pp. 1191-1211. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/LTkJKzZ9Yg6Wqc5GWn9kvtp/?lang=pt#>>. Acesso em 25 de maio de 2024.

FIAD, Raquel Salek. 2017. “Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia”, *Revista do GEL* 14 (3). pp. 86-99.

PITHAN, Livia Haygert; VIDAL, Tatiane regina Amando. 2013. “O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico”. *Direito e Justiça* 1. pp. 77-82.

SANCHIS, Pierre. 2006 [1996]. “Uma leitura dos textos da mesa redonda sobre o ensino de ciências sociais em questão: a antropologia”, in: Grossi et al. *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Blumenau: Nova Letra. pp. 111-126.

SARAVALI, Eliane Giachetto. 2005. “Dificuldades de aprendizagem no ensino superior: reflexões a partir da perspectiva piagetiana”. *EDT – Educação Temática Digital* 6 (2). pp. 99-127. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/777>>. Acesso em 25 de maio de 2024.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. 2021. *Avaliação do desempenho acadêmico e indicadores de evasão dos estudantes de graduação: Antropologia*.